

# Anais do XXX Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte

Arte > Obra > Fluxos

Local: Museu Nacional de Belas Artes,  
Rio de Janeiro,  
Museu Imperial, Petrópolis, RJ  
Data: 19 a 23 de outubro de 2010

Organização:  
Roberto Conduru  
Vera Beatriz Siqueira

texto extraído de  
**A transferência da  
tradição Clássica  
entre Europa e  
América Latina**

# O Neoclássico na Igreja do Bom Jesus de Crisópolis: Uma obra do Antônio Conselheiro

Jadilson Pimentel dos Santos  
UFBA

## Resumo

A obra erguida por Conselheiro revela que este fora arquiteto nos sertões. Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo analisar uma das edificações do beato anterior à construção do arraial do Belo Monte: Igreja do Bom Jesus. Como a edificação permanece intacta, é possível, reconstituir a memória de Canudos e de outras cidades onde o Conselheiro edificou obras. Os retábulos do interior dessa igreja são de influência neoclássica e comprovam o interesse do beato em mostrar o novo estilo.

## Palavra Chave

Igreja do Bom Jesus, arte religiosa do Antônio Conselheiro, neoclassicismo.

## Abstract

The work erected by Conselheiro reveals that he was a architect in the hinterland of Bahia. In that sense, this paper aims to examine one of the buildings of blessed prior to construction of the camp of the Belo Monte: Church of Bom Jesus. As the building remains intact, it is possible a reconstruction the memory of Canudos and other cities where the Conselheiro built works. The altarpieces of the interior of this church are of neoclassical influence and attest the interest of blessed to show the new style.

## Keywords

Church of Bom Jesus, religious art of Antonio Conselheiro, neoclassicism.

### **O Arraial do Bom Jesus**

O antigo povoado do Bom Jesus, cujo nome na atualidade é Crisópolis, guarda ainda na etimologia do seu nome uma forte relação com a religiosidade cristã. O primeiro topônimo da localidade, certamente cunhado pelo beato Antônio Conselheiro, era uma homenagem, desse religioso leigo, ao Cristo Crucificado.

De acordo com Galvão (2001, p. 37) a igreja do Bom Jesus, situada na fazenda Dendê de Cima, nas adjacências de Itapicuru, foi erguida a partir do zero, pois nos anos 80 do século XIX, o Conselheiro decidira assentar-se ali, tendo ordenado a seus prosélitos que limpassem a área, levantassem casas, erguessem um barracão para romeiros e escavassem um tanque para o fornecimento de água. Foi ele, quem deu o nome de Bom Jesus ao arraial, embora ali não se demorasse e acabasse indo embora com sua grei, em episódio pouco conhecido.

Depois de haver perigrinado por variados estados e cidades do Nordeste do Brasil, o penitente Antônio Vicente Mendes Maciel, posteriormente denominado de Antônio Conselheiro escolheu como estabelecimento derradeiro o solo baiano. Nessas terras, desbravou territórios inóspitos, deu assistência espiritual aos desvalidos e criou obras de cunho caritativo: criação de açudes, caçimbas, estradas, etc. Foi um benemérito por excelência, pois constata-se, ainda, enquanto sujeito fundador de cidades, criador e restaurador de igrejas, cemitérios e cruzeiros.

Assim, na sua longa marcha de mais de duas décadas, foi arrebanhando multidões e conclamando as massas ao trabalho de obras pias num sistema denominado mutirão.

Concorriam para este tipo de trabalho as mais variadas gentes que se abalaram de inúmeras cidades do Nordeste do Brasil. E foi assim que, dando corpo a esse tipo de operação terminaram por edificar o conjunto arquitetônico do Bom Jesus, o qual deu origem ao arraial de Crisópolis.

Dentre os vários profissionais que se destacaram, nas artes manuais, figura um no panteão conselheirista: o mestre de obras e entalhador Manuel Faustino.

Faustino, além de trabalhar nos templos do Belo Monte, foi o responsável pelo desenho e pelo trabalho em talha da igreja de Crisópolis.

Benício (1897, p. 168) diz em sua obra o *Rei do Jagunços* que, pouco depois de instalar-se em Canudos para onde começaram a convergir famílias de todos os sertões, Antônio Conselheiro deu início à Igreja Nova sob a direção do mestre de obras por nome Faustino.

Em entrevista concedida a Nertan Macedo, em época posterior, Honório Vilanova comerciante no Belo Monte, citou o nome do mestre Faustino.

Fez umas rosas douradas no altar da igreja, que era a dmiração do povo. Um velho de sessenta anos que sempre arranjava uma maneira de tomar uma “bicada” descumprindo a lei do agrupamento. Foi proibido de beber. Ficou triste e magro. Depois se consolou no trabalho. (MACEDO, 1983, p.68).

Não se sabe ao certo quando foram iniciadas as obras da igreja do Bom Jesus. Constata-se num ofício, que em 1886 o delegado do Itapicuru denunciou a obra, considerando-a dispendiosa e desnecessária. Certamente ela só ficou pronta em 1892, pois este é o ano que aparece gravado em seu frontispício. Conclui-se que seja, também, a data da consagração, a qual, conforme atestam as vozes locais, ocorreu com grandes festas, música e foguetório, à moda do séquito do beato. (Figura 1)

### **O Templo do Bom Jesus**

Dos templos concebidos e dirigidos pelo beato Antônio Vicente Mendes Maciel que se propagaram até os nossos dias, sejam através de algumas fotografias existentes ou através da materialidade dos mesmos, somente três deles comunicam por completo os estilos que ele propagou.

Os demais edifícios embora apresentem traços dos feitos conselheiristas, foram sensivelmente alterados, destruídos, ou levemente reformados quando da passagem do beato pelas vilas e povoados. O restante figura como obras apenas atribuídas ao missionário; histórias versadas na oralidade, sem contudo haver comprovação.

Nesse sentido, foram os exemplares encontrados nas cidades de Chorochó (Igreja do Senhor do Bonfim), Belo Monte – destruída, (Igreja do Santo Antônio) e Crisópolis (Igreja do Bom Jesus) os que disseminaram as tipologias artísticas e arquitetônicas idealizadas pelo beato, tornando-se, posteriormente, recorrentes em outras localidades.

Nesses três exemplares podemos constatar os princípios básicos que compuseram a estilística conselheirista: igrejas de pequeno porte, quase do tamanho de capelas, exceto a Igreja do Bom Jesus do Belo Monte, a ausência de torres sineiras – o sino geralmente é colocado num prolongamento da parede no lado direito da fachada, num vão de abertura que imita o vão das janelas, exceto a do Bom Jesus do Belo Monte, marcação de datas no frontispício, utilização de monogramas e letras, uso frequente de pináculos, etc.

Todavia, o ponto alto dessas edificações é a utilização do cruzeiro, que é fonteirço so santuário e apresenta um tratamento especial. Geralmente é posicionado numa distância de 10 à 15 metros da fachada assentado em plataforma que lembra um palanque, numa área ampla que forma a praça.

No geral, essas obras não se enquadram profundamente num tipo de estilo. São antes, fruto da miscigenação da grei conselheirista, onde negros, índios, brancos e suas variações étnicas, partilhavam o mesmo ideal: a edificação da Casa do Senhor.

Por seu turno, embora recaiam em suas obras, influências do gótico, do barroco e do rocóco, que se misturaram aos aspectos da arte popular, na igreja do Bom Jesus é o neoclássico, o estilo que mais repercutirá.

Cabe enfatizar que muitos dos artífices que nesse templo trabalharam, trouxeram em seu repertório a linguagem desse último estilo, pois certamente como atestam alguns teóricos, esses indivíduos tiveram contato com o neoclássico, o qual se fazia presente na capital da Bahia, no século XIX, irradiando-se por outras cidades, inclusive as do interior.

Certamente as influências desse vertente, dado as proximidades com o estado do Sergipe, incursionaram pelas terras do norte da Bahia via Itabaiana, alcançando, com sua gramática, cidades como Inhambupe, Itapicuru e, posteriormente, a Vila do Bom Jesus.

Bazin (1983, p. 310) assevera que existiram nas terras da Bahia inúmeras escolas de entalhadores neoclássicos, capazes de criar formas novas e elegantes, ao ponto de se criar um estilo autóctone. Segundo ele, a Bahia juntamente com o Rio, foi a única região do Brasil que assimilou com uma força viva esse estilo neoclássico que em todos os lugares provocou a morte do rococó, sem substituí-lo por um valor equivalente.

O autor prossegue afirmando que foi tão próspera essa escola de talha neoclássica na Bahia que ela se ramificou pela região vizinha de Sergipe, espécie de dependência provincial desse Estado.

Na segunda metade do século XIX, os jornais de Sergipe e da Bahia anunciam o aparecimento de um peregrino que vive transitando pelo sertão. Certamente já arrebanhando sua gente, para cumprir uma promessa que teria feito: a de erguer vinte e cinco igrejas.

É bem provável, que na década de 70 do século XIX, o beato que por ali perigrinava e esmolava tenha se impressionado com a obra da matriz de Itabaiana, cujo padroeiro era o mesmo de sua cidade natal, e seu preferido santo de devoção. Para esse orago dedicaria anos depois, um de seus templos mais elegantes: A igreja de Santo Antônio do Belo Monte.

Dessa cidade levaria uma certa influência do neoclássico que se faria presente, de forma modificada na ornamentação do interior da igreja do Bom Jesus e ainda aproveitaria a fachada para influenciar levemente o partido da Igreja Nova do Belo Monte.

Mesmo apresentando um caráter híbrido em sua frontaria, dadas as fusões estilísticas, as reverberações neoclássicas ainda se impõem. Nela detectam-se a presença de vasos coroando as torres, a utilização do arco pleno em um dos vãos, das linhas retas, e dos florões com finalidade decorativa.

Entretanto, o que mais impressiona no frontispício é a qualidade do trabalho em talha da porta e das janelas superiores. Vê-se nessa composição um prolongamento da decoração interior e uma das marcas do mestre Faustino.

Cabe ressaltar que esse trabalho apresenta uma força expressiva considerável no conjunto da obra. É um exemplar único no que concerne às obras conselheiristas. Sua originalidade ultrapassa mesmo as fronteiras do “sertão do Conselheiro”.

Verificando detalhadamente essa porta, bem como as janelas, costata-mos imediatamente que as palavras proferidas por Honório Vilanova a Nertan Macedo se confirmam. As flores que ainda se fazem presentes ali, foram cuidadosamente trabalhadas, formando em cada lado quatro placas retangulares em relevo, proporcionalmente distribuídas. (Figura 02 e 03)

### **A Ornamentação**

Quando verificamos a decoração dos templos religiosos católicos do oitocentos, sobretudo os da Bahia, remetemo-nos imediatamente às reformas ornamentais que substituíram a talha de feição barroca e rococó por aquela de influência neoclássica.

Desde o início do oitocentos, em Salvador, que as irmandades, ordens terceiras e ordens regulares empreenderam reformas no interior de seu templos. Essa transformação consistia na modificação da talha existente por outra que fosse condizente com as novas tendências daqueles tempos.

A respeito das primeiras reformas ornamentais nos templos soteropolitanos, escreve Freire (2006, p.23).

*[...] Pela falta de documentos, é um tanto difícil precisar quando e onde ocorreu a primeira reforma em Salvador que tenha resultado em um arraço ambiental que entendamos como neoclássico. Mas podemos supor que foi na capela do Santíssimo Sacramento da antiga Sé, demolida em 1933. [...] Definitivamente, esse décor não reverbera na Bahia. A reforma que parece ter desencadeado a onda de reforma nas ornamentações sacras católicas foi a Igreja de Nosso Senhor do Bonfim, iniciada pelo retábulo-mor em 1813.*

Ainda de acordo com o mesmo autor, identifica-se a reforma do Bonfim como a que provocou as reformas em outros templos, isso devido ao fato de seu retábulo ter inaugurado um tipo que será muito difundido na Bahia oitocentista e pela importância do culto ao Senhor do Bonfim.

Seguindo a tradição estilística que repercutiu na talha da Bahia do século XIX, o sertão também lançou mão dos novos modelos implantados na capital. Na segunda metade do século XIX duas igrejas da zona do semi-árido, localizadas às margens do Rio Itapicuru adotou um altar com baldaquino arrematado por cúpula vazada sobre volutas.

No final da década de setenta desse mesmo século, a matriz de Nossa Senhora de Nazaré do Itapicuru passou por reformas. Conta-se na tradição oral que o beato teria ajudado o padre Agripino, vigário da freguesia, nesse mister.

Embora não saibamos acerca de sua naturalidade e trajetórias, é bem provável que a essa altura, o entalhador Manuel Faustino já se fizesse presente no grupo Conselheirista, pois mesmo não existam documentos que comprovem sua presença, vamos encontrar, por outro lado, na decoração da talha desse templo, uma de suas peculiaridades: a flor como tema recorrente em toda a sua produção em talha.

A tipologia das peças ornamentais dessa igreja é uma derivação, ainda que bastante simplificada, do exemplar encontrado na Matriz do Nosso Senhor do Bonfim de Salvador. Por sua vez, no final do século XIX, esse mesmo ent-

lhador, que nessa freguesia trabalhou, irá confeccionar um modelo tipológico semelhante no arraial do Bom Jesus.

Em sua obra *A talha neoclássica na Bahia*, Freire (2006, p,203) cita os seguintes exemplares encontrados no interior do estado que adotaram esse mesmo modelo: retábulo-mor da Igreja de Nossa Senhora da Madre de Deus de Pirajúia, retábulo-mor da Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Cachoeira e retábulo-mor da Igreja Matriz de Crisópolis.

O interior do templo do Bom Jesus é modesto e delicado. A estrutura interior, embora pequena, foi concebida com três naves, e, além de apresentar um arco cruzeiro, contam-se ainda mais quatro arcos, sendo dois em cada lado.

No concernente a ornamentação ganha destaque o conjunto da talha de influência neoclássica executado pelo Mestre Faustino: o retábulo-mor e os retábulos colaterais.

O retábulo-mor é simples. A base é retangular e constituída de unidades ornamentais que contém filetes e motivos fitomórficos. A mesa do altar apresenta a forma trapezoidal com um florão centrado em ramicelos e volutas. Três colunas distribuem-se de cada lado e apresentam fustes canelados com o terço inferior marcado por uma anel de moldura e que por sua vez se assentam numa base retangular ornada por cartelas que lembram liras.

Os capitéis, embora desajeitados, em consonância com a arte popular, são compósitos e estão arrematados por cúpula vazada sobre volutas de curvaturas abruptas e um trono eucarístico de cinco degraus.

Levando em consideração todos os detalhes, consta-se um empenho sem tamando do artífice e do beato em propiciar tudo quanto fosse possível para glorificar o Bom Jesus, e, com isso, tornar muito mais formosa a Casa do Senhor.

Dadas as circunstâncias em que foram executadas, contando-se com as adversidades que afligem sempre a região do semiárido, o que ali se observa é um verdadeiro milagre da expressão religiosa dos sertanejos, e, de certa forma, atesta o gosto do beato Antônio Conselheiro, e do mestre de obras e artífice, Manuel Faustino, em seguir e possibilitar aos fiéis, o que de melhor e mais moderno no assunto estava ocorrendo na capital da Bahia.

A utilização da cúpula vazada que coroa o altar é o ponto áureo do repertório do Bom Jesus e aí está impregnada de elementos desse repertório estilístico. Dela pendem festões ornados de flores que se ligam às volutas; aliás, os temas florais se repetem em variados elementos dos altares: nos capitéis, nas bases das colunas, nas faces dos degraus do trono, na mesa do altar, no sacrário, etc.

As cores dispostas nesse ambiente são bem equilibradas: o azul, o rosa, o verde, o branco e o dourado enfeitam o templo de singeleza e dão a tônica do sentido neoclássico.

Pelo que se pode apurar, os templos de cariz conselheirista não legaram para a história pinturas figurativas de teto, ou em qualquer outra superfície. Certamente em seu séquito não abundavam pintores desse naipe.

Sendo assim, não existe pintura de painel no teto da Igreja do Bom Jesus de Crisópolis. Contudo, para suprir essa ausência o mestre Faustino esforçou-se em dar a esse espaço um tratamento à guisa do neoclássico, onde o mesmo deve-

ria testemunhar o reino celestial, ou seja, deveria evocar a abóbada celeste com sua tonalidade azul salpicada de estrelas.

Encerra o partido ornamental em talha da Igreja do Bom Jesus um pequeno medalhão que arremata o arco cruzeiro. Foi caprichosamente esculpido em madeira e pintado nas cores: azul, rosa e dourado. Está ali resistindo ao tempo e ao esquecimento, e conclamando a todos a uma reflexão profunda. É, entretanto, mais que um item decorativo, pois carrega em si uma mensagem grandiosa, proclamada diuturnamente pelo Conselheiro: SÓ DEUS É GRANDE.



**Conjunto do Bom Jesus de Crisópolis – Igreja e cruzeiro  
século XIX**

Manuel Faustino e Antônio Conselheiro

Fonte: Jadilson Pimentel dos Santos, 2009



**Porta entalhada em madeira com flores em alto relevo.**  
século XIX  
Manuel Faustino

Fonte: Jadilson Pimentel dos Santos, 2009



**Retábulo-mor e colaterais da Igreja do Bom Jesus de  
Crisópolis**  
Século XIX  
Manuel Faustino

Fonte: Jadilson Pimentel dos Santos, 2009